



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: ANALISANDO SUAS RELAÇÕES COM A LUDICIDADE

Claudia Suely Silveira Alves – FURG
Kamila Lockmann – FURG

Este trabalho tem por objetivo apresentar algumas reflexões acerca das práticas pedagógicas desenvolvidas por duas professoras do 1º ano do Ensino Fundamental. Para isso realizamos uma investigação através de entrevistas semiestruturadas com educadoras dos Anos Iniciais de uma escola estadual de Rio Grande/RS. As entrevistas basearam-se em perguntas relativas as práticas pedagógicas desenvolvidas no 1º ano do Ensino Fundamental.

Tais questões surgiram a partir de nosso interesse em saber como as docentes percebem a ludicidade ou o brincar em sua prática cotidiana, pois julgamos pertinente que estas professoras considerem tal categoria como essencial no processo de ensino e aprendizagem. Como embasamento teórico deste trabalho utilizamos as contribuições de Albuquerque (2005), Kishimoto (2004), Kramer (2009), Mota (2012), Oliveira (2011), Soares (2003-08), Sommer (2007), entre outros.

Desta forma o presente artigo foi organizado em três seções: na primeira seção descrevemos os caminhos percorridos na pesquisa apresentando a metodologia utilizada, na segunda parte deste trabalho trazemos o que dizem as professoras acerca de seu fazer docente analisando as práticas pedagógicas desenvolvidas no 1º ano do Ensino Fundamental. Por fim, apresentamos algumas considerações finais sobre o tema em questão.

1. A METODOLOGIA UTILIZADA: DESCREVENDO OS CAMINHOS PERCORRIDOS NA PESQUISA

Compreendemos que pesquisar não é somente traçar uma linha delimitada que nos apresentará claramente onde vamos chegar. A pesquisa nos conduz por caminhos incertos e indeterminados, apresentando a cada passo a novidade. De acordo com Freire (2005, p. 29)



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

“pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”.

Com tal embasamento, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa a fim de conhecer as práticas pedagógicas utilizadas por nossas agentes de investigação. Para isso, realizamos entrevistas com duas professoras de uma Escola Estadual de Rio Grande, que atuam em turmas do 1º ano do Ensino Fundamental. Além disso, realizou-se alguns meses de observações que nos serviram de suporte para desencadear o projeto de pesquisa e conhecer a prática que tais professoras desenvolvem e quais suas expectativas e percepções diante do recebimento destas crianças advindas, em especial, da Educação Infantil. Sobre o sua das entrevistas como instrumento de pesquisa, Lockmann (2010, p. 6) nos diz:

Compreendo a entrevista como um evento discursivo compartilhado por duas ou mais pessoas, tendo como propósito coletar informações, por meio da fala, acerca de determinado tema. Sendo assim, para ser considerada como tal, a entrevista deve incluir uma comunicação por meio da fala, a qual pode ser conduzida por perguntas previamente definidas que podem ou não ser alteradas, mudadas, ampliadas no decorrer da entrevista.

Inevitavelmente sentimos a necessidade de construir algumas perguntas voltadas para nosso objeto de pesquisa. Assim construímos cerca de dezoito questões que foram perguntadas no decorrer das conversas com as professoras. Foi realizada uma entrevista semiestruturada a qual pressupõe um tipo de liberdade durante a conversa.

Acreditamos que durante uma interrogação ou questionamento, o entrevistador tem que deixar o entrevistado livre para seu posicionamento. Sendo assim, as perguntas servem como ponto norteador da conversa, o que não impede que outros aspectos possam ser inseridos conforme a entrevista vai se desenvolvendo.

Diante disso nos aproximamos de Lüdke (1986, p. 36) quando afirma que:

O entrevistador precisa estar atento não apenas (e não rigidamente, sobretudo) ao roteiro preestabelecido e às respostas verbais que vai obtendo ao longo da interação. Há toda uma gama de gestos, expressões, entonações, sinais não-verbais, hesitações, alterações de ritmo, enfim, toda uma comunicação não verbal cuja captação é muito importante para a compreensão e a validação do que foi efetivamente dito. Não é possível aceitar plena e simplesmente o discurso verbalizado como expressão da verdade ou mesmo do que pensa ou sente o entrevistado. É preciso analisar e interpretar esse discurso à luz de toda aquela linguagem mais geral e depois confrontá-lo com outras informações da pesquisa e dados sobre o informante.

Amparamo-nos neste entendimento para realizar as entrevistas e decidimos que para coletar dados suficientes deveríamos tomar certos cuidados. Durante as coletas verbais



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

percebemos os gestos, as mais simples expressões, as pausas que disseram muito, assim como o ambiente em que as entrevistas foram realizadas, etc. Observar todas estas questões é algo extremamente importante, mas não podemos compreender que tal atitude revelaria uma única verdade. A entrevista é um evento repleto de embates, de tensões e opiniões diversas. O que pretendemos foi olhar a complexidade desse evento discursivo como um instrumento que pode nos dar pistas sobre as práticas pedagógicas que são desenvolvidas na 1º ano do Ensino Fundamental da escola investigada. Tal procedimento de pesquisa foi complementado com as observações, como já apontado anteriormente.

A partir dos dados obtidos por meio de tais procedimentos, na próxima seção apresentaremos a análise realizada na investigação.

2. O QUE DIZEM AS PROFESSORAS: ANALISANDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS E A PRESENÇA DO BRINCAR NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Iniciamos esta seção com o questionamento: o que significa brincar? Acreditamos que seja simples perguntar, mas complexo responder. Até por que a palavra “brincar” está intimamente relacionada à criança. O Estatuto da Criança e do Adolescente, no capítulo II, em seu artigo 16 prescreve que um dos direitos à liberdade é o brincar.

A partir das entrevistas pode-se perceber que existe claramente um paradoxo entre as duas professoras entrevistadas. Também percebemos que existe uma ruptura entre Educação Infantil e Ensino Fundamental. Conseqüentemente entre brincar e não brincar mais, ou seja, na Educação Infantil se brinca e no Ensino Fundamental parece que pouco a pouco o brincar vai desaparecendo, perdendo espaço em meio às práticas escolarizantes. Diante destas questões iremos discorrer e apresentar, mesmo que sucintamente, o que as entrevistas nos mostraram naquele momento e proceder a uma análise de seus ditos.

Como falamos anteriormente o brincar está intimamente relacionado à criança. Neste novo ensino fundamental de nove anos, as crianças ingressam no primeiro ano com a idade de seis anos completos. Isso desde o ano de 2006, com a Lei nº 11.274. Desde então, as crianças



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

de seis anos, que durante décadas, terminavam a Educação Infantil, atualmente, com esta mesma idade, estão ingressando no Ensino Fundamental.

Para melhor entendimento desta questão trazemos a contribuição da Lei nº 11.274 onde diz:

(...) mais crianças serão incluídas no sistema educacional brasileiro, especialmente aquelas pertencentes aos setores populares, uma vez que as crianças de seis anos de idade das classes média e alta já se encontram, majoritariamente, incorporadas ao sistema de ensino – na pré-escola ou na primeira série do ensino fundamental. [...] Outro fator importante para a inclusão das crianças de seis anos na instituição escolar deve-se aos resultados de estudos demonstrarem que, quando as crianças ingressam na instituição escolar antes dos sete anos de idade, apresentam, em sua maioria, resultados superiores em relação àquelas que ingressam somente aos sete anos. A exemplo desses estudos, podemos citar o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) 2003. (BRASIL, 2006, p. 3)

É claro o objetivo das políticas públicas quando se trata deste assunto: crianças de seis anos ingressando nos Anos Iniciais. Primeiramente acreditam que as crianças advindas das massas populares possuem uma deficiência educacional em relação às crianças advindas das classes altas e médias. Como se fosse um processo de “compensar as deficiências do desempenho das primeiras em relação ao padrão escolar das segundas” (KRAMER, 1992, p. 33). Depois se baseiam nos estudos do Saeb 2003. Pensamos que são questões que foram observadas, estudadas e problematizadas por especialistas da área, porém é preciso lançarmos um olhar atento para a forma como o ingresso destas crianças no Ensino Fundamental vem ocorrendo e repensar as práticas desenvolvidas neste 1º ano, porque se por um lado a entrada das crianças de seis anos no Ensino Fundamental pode estar significando um “esmaecimento de fronteiras” entre essas duas etapas, por outro vem contribuindo para uma aproximação destas crianças a lógica escolar, conforme nos mostrou Mota (2012, p. 3).

Voltamos a fazer referência ao documento do Ministério da Educação sobre o Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade, quando afirma:

Ressalte-se que o ingresso da criança de seis anos no ensino fundamental não pode constituir uma medida meramente administrativa. É preciso atenção ao processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, o que implica conhecimento e respeito às suas características etárias, sociais, psicológicas, e cognitivas. (BRASIL, 2006, p. 4)

Diante desta questão todo o cuidado é pouco. Por isso acreditamos que o professor tem um papel determinante nesta nova duração do ensino de nove anos, qual seja: a de



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

proporcionar o desenvolvimento da criança e contribuir para que ela não perca sua infância. Nesta perspectiva Kramer (2009, p. 24) afirma que “a brincadeira, enquanto experiência de cultura e forma privilegiada de expressão da criança deve ser oportunizada em situações espontâneas e planejadas, com e sem a intervenção do adulto”.

Fica claro que brincar deve fazer parte, também, dos Anos Iniciais. Brincando a criança está sendo estimulada e instigada a aprender. De acordo com Molon (2012, p. 10) “essas crianças, mesmo sendo alunas (os) e estando dentro de uma sala de aula, precisam de momentos como esse, em que podem simplesmente ser crianças, fantasiar, imaginar...”. Pensamos que, dentro do ambiente escolar, quem pode proporcionar que a criança seja ela mesma é o professor. Com todas as atividades escolares que a criança é submetida, brincando ela estará se desenvolvendo.

Nesta perspectiva, através das entrevistas realizadas com duas professoras, onde perguntamos se há diferença entre o ensino de oito e o de nove anos, constatamos que a docente denominada como P1 (1ª professora a ser entrevistada) acredita que há diferença porque as crianças ingressam imaturas. E por serem imaturas, ela afirma que não estão preparadas para sentarem, em classes, umas atrás das outras.

“Eu considero totalmente diferente. Maturidade. Eles chegam mais imaturos agora. Muito mais difícil agora porque eles estão muito presos ao brincar do que ao ficar preso na mesinha para aprender”. (Entrevista com P1, em 22 de novembro de 2013).

Para P1 as crianças, ainda por serem imaturas, preferem brincar a aprender. Esta resposta nos inquietou, abriu a possibilidade de discussão e nos fez pensar: brincando não se aprende? Ao entrarem no Ensino Fundamental as crianças precisam se desprender do brincar?

Começaremos discutindo a primeira pergunta que fizemos: brincando não se aprende? Segundo Molon (2012, p. 9):

(...) o aprendizado e o desenvolvimento ocorrem em diferentes espaços, lugares e tempos e em diversos momentos com múltiplas linguagens, que as crianças aprendem imitando, concordando, fazendo oposição, estabelecendo analogias, dialogando, brincando, internalizando símbolos e significados, por meio das mediações das e nas relações sociais.

Nesse sentido acreditamos que brincando a criança está aprendendo a conhecer a si mesma e se relacionar com o outro. E se relacionando e interagindo com o outro está construindo sua autonomia. Sendo autônoma terá capacidade para enfrentar os obstáculos que



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

lhes serão postos. Portanto, diante de tais situações, a criança está construindo sua aprendizagem. Assim sendo o professor deve observar as crianças com quem convive e “conhecer as crianças, saber quais são os seus interesses e preferências, suas formas de aprender, suas facilidades e dificuldades, como é seu grupo familiar e social, sua vida dentro e fora da escola” (CORSINO, 2007, p. 58). Para isso, as docentes devem valorizar toda e qualquer experiência da criança dentro e fora do ambiente escolar. Também respeitar as vontades e desejos delas.

Por este viés pensamos que as professoras devem valorizar as brincadeiras que ocorrem dentro e fora da sala de aula e também proporcioná-las mais vezes, pois a própria brincadeira é um elemento essencial do cotidiano de crianças de seis anos de idade.

Em se tratando da segunda questão a ser discutida nestas linhas: ao entrarem no Ensino Fundamental as crianças devem se desprender do brincar? Acreditamos que esta é um questionamento que deve ser problematizado e minuciosamente observado. Para Kishimoto (2004, p. 10):

A questão é como está sendo feita a passagem da Educação Infantil para o Fundamental. A criança de 6 anos está sendo praticamente jogada dentro da rede do fundamental. O problema é que a grande maioria dos professores não sabe alfabetizar, acha que alfabetizar ainda é copiar letra. De repente esse aluno é jogado no Fundamental com cópia, cópia, cópia. Por isso as crianças com 8 anos de escolaridades não sabem o significado das palavras, são analfabetos funcionais. Precisariamos de um projeto de passagem dessas crianças para o Ensino Fundamental.

Concordamos com Kishimoto (2004) quando diz que “precisamos de um projeto de passagem dessas crianças para o Ensino Fundamental” e não somente um projeto, mas uma preparação para o professor que vai receber estas crianças advindas da Educação Infantil. Esta questão deveria ser problematizada pelos órgãos competentes e servir de debate para tal construção a fim de proporcionar a toda criança um desenvolvimento social, psicológico e cognitivo coerente para sua faixa etária.

Em contrapartida a mesma professora, quando questionada sobre qual deve ser a proposta de trabalho para este primeiro ano, responde da seguinte forma: “*eu trabalho através da ludicidade com eles. Sem esquecer o lado infantil que eles recém saíram da pré-escola, brinco muito com os sons das letras, com as letras*”. (Entrevista com P1, em 22 de novembro de 2013).



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Em alguns momentos a professora P1 repete os discursos aceitos na época atual tais como: trabalhar com a ludicidade e brincadeiras. São discursos recorrentes na atualidade e ela parece repetir essas máximas pedagógicas sem significá-las em sua prática, como vimos a partir da sua fala anteriormente citada, por vezes caindo em contradição. Mesmo assim, percebemos que existe uma recorrência discursiva que aparece em torno do brincar, pois ambas as entrevistadas parecem destacá-lo como fundamental nas práticas do 1º ano dos Anos Iniciais.

Acreditamos que P1 ao desenvolver seu trabalho pedagógico desconsidera que a infância não está somente presente na Educação Infantil, mas também no Ensino Fundamental. Criança esteja onde estiver, precisa brincar! Pensamos que o professor deve proporcionar atividades livres onde as crianças tenham a oportunidade de criar suas próprias brincadeiras. Também deve apresentar atividades dirigidas onde as crianças possam brincar.

Segundo Molon (2012, p. 10)

Estas crianças, que acabaram de chegar à escola e começam a ser sistematicamente ensinadas, não podem assumir um papel único de aluno, no sentido clássico do termo, que se sobreponha à sua condição primária de criança. Não se pode esquecer que, mesmo dentro da escola, elas continuam sendo, em primeiro lugar, crianças que têm necessidades intrínsecas de brincar, criar, sujar-se, movimentar-se, correr, exercitar a sua fantasia e imaginação.

Considerando que toda criança vive a sua infância não podemos deixar de considerar que ela precisa criar, construir, imaginar, vivenciar, fazer de conta. Isso é ser criança, mesmo que estando na condição de aluno. A condição de aluno, não pode substituir ou anular a condição de ser criança.

Amparadas em Corrêa (2006, p. 13) “o ato de brincar é uma característica do ser humano e é nesse ato que expressamos nossa alegria e nossa plenitude. O brincar é a manifestação do impulso lúdico do ser humano” e é brincando que se aprende, que nos tornamos sujeitos autônomos e críticos. Por isso a importância do professor proporcionar às crianças momentos de brincadeiras livres e dirigidas.

Em consonância com nossas perspectivas, em entrevista realizada com a professora P2 (segunda professora a ser entrevistada), onde foi questionado como ela acredita que deve ocorrer a inserção da criança no 1º ano do Ensino Fundamental, a mesma respondeu que:

“Dentro dos princípios da Educação Infantil tu tem que ainda estar dentro deles. Então esta articulação entre Educação Infantil e o primeiro ano tem que existir, né? Tem que



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

existir esta articulação entre a proposta, entre uma e outra. E isso só fica difícil quando a professora que tá ali não sabe, né?” (Entrevista com P2, em 27 de novembro de 2013).

Diante desta resposta pode-se perceber que esta professora acredita em uma proposta de inserção da criança que sai da pré-escola para ingressar no Ensino Fundamental. O difícil é como realizar esta passagem. Pensamos que cabe ao professor dar continuidade entre uma e outra não descartando atividades que foram praticadas na Educação Infantil, como as brincadeiras, os jogos, os momentos de recreação e etc. Além de trabalhar com conteúdos nesta nova fase escolar o docente deve organizar seu tempo a fim de inserir, em sua prática diária, brincadeiras.

Também para a professora P2 quando perguntado que recursos ela utilizava na prática diária, ela foi direta respondendo que:

“eu utilizo muito livro infantil, brinquedo, né?[...] eu procuro trazer coisas variadas pra eles” (Entrevista com P2, em 27 de novembro de 2013).

Fica evidente que a professora P2 preocupa-se com a criança que se encontra em sua sala de aula, por isso ela proporciona diferentes “experiências que estimulem a criatividade, a experimentação, a imaginação, e desenvolvam as distintas linguagens expressivas e possibilitem a interação com outras pessoas” (BARBOSA & HORN, 2001, p. 68).

Outra questão que julgamos pertinente foi quando perguntamos que tipo de conteúdo ela trabalhava com as crianças no 1º ano. Em seguida, meio as risadas, P2 falou:

“eu já fiz muito supermercado, né? O supermercado dos produtos, destas embalagens recicláveis, né? Aí eu trazia os dinheirinhos, eu trazia cheques, eu trazia cartão de crédito, eles adoravam. Então eles traziam os notebooks, não é notebooks...aqueles de brinquedo mesmo, sabe? Eles traziam pra sala quem tinham fazia uma coisinha, um brinquedo que lembrasse uma máquina de escrever, uma calculadora. Então eu fazia as filas dos caixas, [...] Então tinha as funções um era quem vendia, outro era quem cobrava, outro era comprador”. (Entrevista com P2, em 27 de novembro de 2013).

Com a fala da professora P2 percebesse um entrelaçamento entre brincar e aprender ou entre brincar e ensinar. Ela mostra que tais questões podem andar juntas e que com uma simples brincadeira de supermercado podemos aprender coisas para a vida toda. Neste caso ao analisar tal resposta nos remetemos a Montessori que utiliza muito em suas obras as palavras “vida real”. Para ela “é uma vida real, em que as crianças são incumbidas das tarefas



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

domésticas tendo a seu alcance objetos adequados aos seus tamanhos e necessidades” (MONTSSORI,1965, p. 58-59). O mais próximo da vida cotidiana terá um significado maior para as crianças, com isso oportunizando que ela aprenda e tenha prazer em estar naquele determinado ambiente. Sendo assim construindo sua autonomia e seu desejo de estar no mundo.

Ainda para Montessori (1965, p. 93) “tudo que se ensina deve estar ligado à vida”. É pensando assim que a professora entrevistada P2 desenvolve sua rotina diária. Observando e conhecendo cada criança em sua sala de aula. Respeitando-as e contribuindo para que no futuro elas se tornem cidadãs autônomas, conscientes e críticas.

Na busca de respostas para as nossas inquietações, na última seção deste artigo trazemos algumas considerações acerca do tema abordado. Também nosso posicionamento em relação a tais questões que julgamos pertinente abordar neste trabalho.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Por entendermos que as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas professoras entrevistadas estão relacionadas com seus modos de vida tanto pessoal como profissional, pensamos que antes de serem professoras elas já estiveram na escola na condição de alunas, por isso adquiriram crenças e hábitos que hoje servem de modelo para exercer suas profissões.

No entanto esta pesquisa nos permitiu conhecer o trabalho destas docentes e como elas percebem as crianças e a inserção delas no 1º ano do Ensino Fundamental com a idade de seis anos. Também a maneira como elas percebem a ludicidade ou o brincar em sua prática cotidiana. Diante de tais questões tivemos o prazer em debruçar-me sobre as falas que compuseram esta pesquisa.

Acreditamos que desde a organização dos materiais que serão utilizados com as crianças até a forma de como acontece a interação entre todos os presentes no ambiente escolar, revelam uma concepção pedagógica.

Primeiramente o brincar foi evidenciado pelas professoras como algo vinculado a Educação Infantil e não mais ao Ensino Fundamental, como se aos poucos o brincar perdesse



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

espaço para as práticas escolarizantes tão presentes em todo processo educacional. Claramente isso foi percebido porque o foco principal neste 1º ano, segundo as docentes e a instituição escolar a qual fazem parte, é a alfabetização das crianças.

Por fim, ter tido a entrevista como experiência nos possibilitou ir além, transitar por assuntos impensados e aprofundar nossos estudos sobre as práticas que as docentes exercem naquele determinado momento. Este trabalho não se materializa numa conclusão, pois não pretendemos parar de pesquisar e refletir sobre o espaço cotidiano da escola. Pensamos que estar inserida na escola enfrentando os desafios que a vida cotidiana escolar nos coloca, nos trazem, sempre, produtivas possibilidades de problematizar e (re) pensar as práticas que lá são desenvolvidas. Assim, pretendemos continuar a olhar, a ver e a analisar o que se passa na escola e nas práticas pedagógicas que lá se efetivam diariamente.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Projetos pedagógicos na educação infantil** / Maria Carmen Silveira Barbosa, Maria da Graça Souza Horn. – Porto Alegre: Artmed, 2008.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, Carmen (Org.) **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 67-79

BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade** / organização do documento: JeaneteBeauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente** / Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social. – Brasília: MEC, ACS, 2005.

CORRÊA, Ivan Livindo de Senna. **Brinquedo e cultura corporal: reflexão e passos para construção de brinquedos**. Humano / Ivan Livindo de Senna Corrêa – Videira: UNOESC, 2006.

CORSINO, P. As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D. & NASCIMENTO, A. R. (orgs.) **Ensino Fundamental de nove anos:**



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

KISHIMOTO, TisukoMorchida. **Brincar pelo bem das crianças.** Direcional Educador, São Paulo. v. 5, n 50, p. 6-11, março de 2004.

KRAMER, Sonia. **A política pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce** / Sonia Kramer. – 4. ed. – São Paulo: Cortez, 1992. – (Coleção biblioteca da educação. Série 1. Escola; v. 3)

KRAMER, Sonia. **Subsídios para Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas para a Educação Infantil.** Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2009.

LOCKMANN, Kamila. **Inclusão Escolar: saberes que operam para governar a população.** Porto Alegre, 2010. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas** / Menga Lüdke, Marli E.D.A. André. – São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

MOLON, Susana Inês. **O primeiro ano do ensino fundamental de nove anos: desafios e implicações educacionais para as crianças e as professoras.** In: IX ANPED SUL, 2012, Caxias do Sul. Anais. Caxias do Sul: UCS, 2012. v. 1, p. 1-15.

MONTESORI, Maria. **Mente absorvente.** Tradução de Pedro da Silveira. 2 ed. Portugal: Portugália, 1949.

MONTESORI, Maria. **Pedagogia científica: a descoberta da criança.** Tradução de Aury Azélio Brunetti. São Paulo: Framboyant, 1965.

MOTA, Maria Renata Alonso. **Da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: um outro lugar para as crianças de seis anos.** In: 35ª Reunião Anual da ANPED – Educação, cultura, pesquisa e projetos de desenvolvimento: o Brasil do século XXI, 2012, Porto de Galinhas – PE. 35ª Reunião Anual da ANPED – Educação, cultura, pesquisa e projetos de desenvolvimento: o Brasil do século XXI, Rio de Janeiro – RJ: ANPED, 2012. v. 1, p. 1.